



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

PARA CONQUISTARMOS aumentos de salários é necessário mais unidade e acção

Como todos sabemos, no Minho, no Porto, na Serra da Estrela e no Sul (Barreiro, Lisboa, Alcobaca, etc.), a classe operária têxtil luta por aumentos de salários que vão desde 40 a 70 por cento. Através de concentrações nos sindicatos, de exposições enviadas ao I.N.T. e ao Ministério das Corporações a nossa classe tem focado a nossa situação, quanto ela é afliativa e justificando a necessidade dos salários serem aumentados. É que os nossos magros salários, a pesar de já na altura em que começaram a vigorar não traduziram a satisfação das nossas justas reivindicações apresentadas neste sentido, daí para cá, em face do constante aumento do custo de vida, mais ficaram ultrapassados, até se situarem, no momento presente, como autênticos salários de miséria.

A par disto, a agravar mais a nossa situação, temos diante de nós a crise da indústria e a exigência do aumento da produtividade com o seu cortejo de demissão dos dias de trabalho por semana, um aumento de esforço superior às nossas possibilidades físicas, mentais, e sempre, etc.

Este cenário negro em que se vive nesta das classes mais numerosas do país e nesta indústria das mais ricas, tem sido só referido por alguns jornais diários e é conhecido, desde há muito, do Governo e seu chefe — Salazar. A 1.ª de Salazar e seus ministros se têm referido, em o tempo das promessas ao Mi.º das Corporações, durante o ano de 1948, res.ºndeu nos pedidos de aumentos de salários dos têxteis do Porto e Covilhã e-Tortozen-

do que a situação ia ser estudada) ou da desilusão — com o objectivo de levar a classe ao desânimo — quando Salazar afirmou, a propósito do chamado « Plano de Fomento », que os salários não podiam ser aumentados substancialmente ou, ainda, no campo da deturpação, em defesa dos monopólios e da exploração, quando Salazar e seus ministros apregoam que os salários não devem ser aumentados antes do aumento da produção. Como no campo político, quando Salazar apela para as suas hostes, de que na situação presente há que aguentar, aguentar, também no campo reivindicativo-económico (que outro objectivo não tem que não seja o político) se dirige aos trabalhadores com o intuito claro de prometer para dividir, quando aconselha a « esperar, esperar ». Esperar o quê e de quem?

A resposta a isto já o «Têxtil» deu no número anterior ao apelar para que organizemos a nossa unidade e a nossa acção.

Dum Governo que não só conhece devidamente a nossa situação como actua utilizando as suas forças (repressivas) contra os interesses da classe, que defende a mais desenfrada exploração, que matém o país no maior atraso económico e cultural, que coloca nas riquezas nacionais, nas mãos dos grandes monopolistas estrangeiros e nacionais e outra coisa não faz, desde que existe, que prometer, prometer, (ou seja enganar, enganar), que tem, pois a classe operária têxtil a capear? Não apregoam os salazaristas (continua na 2.ª página)

Fora com promessas vãs...
queremos um
Contrato actualizado!!

Se entre nós, camaradas têxteis da Serra da Estrela, houvesse algum que ainda se não tivesse apercebido do quanto a política salazarista nos protege em favor dos grandes monopolistas; se entre nós existisse alguém a daviar que as promessas de aumento ao trabalhador feitas pelo « popular » Veiga Macedo são enganosas afirmações para esfriar os justos assomos de revolta que de longe em longe nos dominam; se, porventura, ainda não sentíssemos a firme convicção de que o Corporativismo é um sistema falhado que jamais, como nunca, poderá garantir-nos uma vida digna com leis que nos defendam de torvos egoísmos e assegurem salários mais humanos; se, aemo, algum de nós, companheiros, não houvesse apurado estas amargas conclusões, bastaria que ajúzassemos do que se tem passado à volta do novo Contrato C. de Trabalho, que desde há mais de seis anos espera a aprovação do Sr. Ministro das Corporações, para consolidados a certeza de que a política de Salazar e seus acólitos é uma política de estaque e burlesca.

Testemunhemos estas afirmações apontando factos: Em 1951 o Contrato não entrou em vigor porque os Industriais queriam nele a inclusão duma cláusula que lhes permitisse ter um tecido para mais de um tear; depois pretexaram não ter a F.N.L.L. direcção própria, não podendo, portanto, aprovar-se o Contrato enquanto aquela não fosse eleita; presentemente já outro entrave levantaram: — dizem haver desacordo quanto à fixação de horários nas Empresas... Amanhã outro estorvo surgirá!...

Companheiros, e nós vamos não quedar perante tanto dislate!

Já basta de tanto trocadiço de palavras!

Caminhemos em massa para o Sindicato e para o I.N.T. e aí, embora com civilidade, protestemos energeticamente contra tanto malabarismo!

Queremos um Contrato actualizado e, apesar de sabermos que pretendem que pouco de substancial em nosso favor venha nele remodelado, preferimos encetar a realidade a vivermos nesta politiquice negativa e sofismada.

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁG.ª)

CONVERSANDO

ristas há 33 anos que os seus « programas » e « realizações » são para dar ao povo mais « felicidade » e não vemos nada que a realidade é outra, que a felicidade a que o Governo se refere se concretiza em fome, obscurantismo e perigo de guerra? Governo que nos roubou as nossas liberdades e a todo o custo procura amarrar-nos de pés e mãos?

Estes exemplos, que cada têxtil e cada português sente a marca na carne, mostra que só pela luta podemos melhorar a nossa situação.

E a luta da nossa classe, através das mais variadas acções, que forçarão o Governo e os patrões a atenderem-nos. Para que assim seja, torna-se imprescindível que não desanchemos nas acções até aqui desenvolvidas para a obtenção de aumento de salários mas que, cada um de nós, homem ou mulher, procure os seus companheiros e companheiras, os organize em comissões e discutamos quais as formas de luta a seguir. Na medida em que o fazamos, criar-se-ão potentes acções de massas que, de Norte a Sul, forçarão os patrões e o Governo a atenderem-nos.

Fundos apêlo

Companheiros:

O « Têxtil », como órgão livre da classe cujo seu fim é contribuir para unir e esclarecer a classe à luz da experiência adquirida nas acções reivindicativas dos trabalhadores portugueses, necessita de fundos para poder cumprir este dever.

Apesar de ter chegado à Redacção algumas rubricas que vários companheiros têm enviado para o « Têxtil », torna-se imperioso que toda a classe organize uma larga recolha de fundos para auxiliar o nosso jornal. Um órgão de unidade como o « Têxtil », que esclarece e une a classe, que desmascara as ilegalidades dos patrões e Governo e apela, com a sua experiência, para a luta, deve ampliar a sua tiragem para que chegue a todas as terras e empresas.

Este objectivo só será alcançado mediante um auxílio mais amplo e regular da classe. Para que o possam fazer rapidamente, o « Têxtil » toma a iniciativa de lançar uma folha volante, junto a cada exemplar do nosso jornal, na certeza de que cada companheiro e companheira amigo do

(continua na 3.ª pág.ª)

Normalmente aquela hora todas as luzes se estariam apagadas no bairro operário. Manhã cedo era preciso deitar fora o sono e calçado abaixo esquentar os músculos à caminho da fábrica. Porque naquele dia a luz ainda acesa na casa do Rolo? Lá dentro, os companheiros, sentados no corredor, conversavam. Forte o voz do Tio Bernardo parecia vir dum corpo vivo: « Companheiros. Zé Rolo tem razão. Foi o nosso primeiro passo. Eu nunca julguei que aparecesse tanta gente.

— Para quê? batemos com o nariz na porta — disseram algumas vozes.

E a polícia ainda por cima o ver... atirou do seu lado o Nobais: — Eu é que fui todo, que minha Rosa bem me dizia então te mais nisso, homem ».

A mulher do Zé Rolo, sentada sobre a barriga das pernas no meio dos homens, ergueu o corpo resoluta e o marido adivinhou que ela ia falar. Desde a tardinha que a via inquieta, quando a massa dos operários se a desembocar no largo do Sindicato a encontrou fechada e, de mãos atrás das costas, os agentes da polícia rondando o largo.

— Tu, Nobais, o que é que vales? És a medicas e a tua mulher ainda é mais. Para ter o filha incomodou-me mundo. Eu não percebo nada destas coisas; mas sinto que se não queremos mais um bocadinho de pão temos de lutar. Tudo o que tenho conseguido na vida tem sido com esforço. Também agora para obrigarmos os patrões a dar-nos o aumento temos de fazer esforços.

Tio Bernardo, pondo a mão no ombro da mulher disse para Zé Rolo:

— A tua mulher é como tu, Zé. Abre os olhos e sente. Eu também em toda a minha vida não tenho conseguido nada que não seja com esforço. Aqui nós não estamos só, nada vale um esforço isolado, temos de ser todos unidos, toda a classe a puxar para o mesmo lado que é o lado contrário aos patrões e ao governo.

Artur, do seu canto, comentou enquanto acendia um Provisório: — Foi aquilo que tu estiveste a dizer noutro dia, João, porque é que haviam empresas onde os operários ganhavam mais?

— Foi sim, Artur, esses companheiros lutam e aprendem na luta.

— Mas há ainda uma coisa que eu não percebo. Porque é que o Zé disse há bocadinho que não fomos em vão ao Sindicato?

— Olhai amigos — era a voz do Zé Rolo. Eu estive aqui a ouvir-vos como se estivesseis a contar-me que o patrão vos obrigou a pagar uma cambela, uma multa ou outro qualquer peçonhila. As minhas palavras são as mesmas dessas ocasiões: — Tudo isto é por nossa culpa. Lembrai-vos da sua vez dito que o « Têxtil » é o nosso beneficiar, que ele nos ensina como actuar e nos diz que o capitalismo só cede perante a luta do proletariado? Então assim, amigos, nós de acordo com isso já devíamos estar a discutir como continuar a nossa luta. Têm sido estas aqui ideias de que não vale a pena. Porque é então que estamos aqui? Não, amigos, todas as queixas ir para a frente, as dificuldades por serem grandes é que por vezes parece cegar-nos, mas o nosso desejo é a luta, porque estamos cansados de exploração.

Não fomos ao Sindicato e ele estava fe-

chado, guardado pela polícia. Há quem não veja neste facto todo o seu significado e diga: — Batemos com o nariz na porta, « não valeu a pena ». Vêtu, sim, companheiros. O nosso objectivo era formular um pedido para a classe, levá-lo ao conhecimento do Governo. Não pensais que o facto da polícia ter aparecido significa que esse desejo se tornou conhecido mesmo antes de termos realizado a acção? Não pensais que a não comparecimento da direcção reflecte o seu recelo de enfrentar a nossa ofensiva? E não pensais que o recelo da direcção é uma consequência da recelo do Governo perante qualquer movimento de massas? Se assim é, que devemos fazer?

Nas olhas de Eulália o fulgor era mais vivo. Muda, bebia as palavras do marido. A volta dela, os homens, mudos também, escutam.

— Não sabeis o que devemos fazer? Devemos continuar a nossa luta, devemos organizar uma nova acção junto do Sindicato, não devemos desarmar à primeira. O nosso dever é junto de cada companheiro combatermos o desânimo que por ventura se tenha formado. Mas bastará agora reiniciarmos apenas um caminho percorrido ou poderemos ir mais longe? Companheiros, devemos reforçar a nossa acção junto do Sindicato com uma exposição colectiva de toda a classe pedindo os 60 por cento. E haverá condições para isso? Sim, há. A nossa volta só se vêem canudos, fábricas, barros de operários, magotes de operários a caminho das fábricas. Saibamos juntar à nossa volta toda a classe, em lugar de 500, 5.000, 10.000 etc. Saibamos levar conosco as nossas mulheres e nada nos fará recuar.

Tio Bernardo com um gesto judicioso ao companheiro que queria falar.

— Zé hoje a noitada vai longa e ró amanhã temos de ir à vida, por isso vou fazer uma pergunta: — quem não está de acordo com o Zé?

Silêncio. Ninguém respondeu. II. — via esperança nos olhos de todos. — Então — continou Tio Bernardo — de acordo com as ideias expostas anteriormente que todos saíamos daqui para trabalharmos desde já numa nova concentração e numa exposição colectiva de toda a classe e amanhã, cá estaremos novamente.

Uma hora, duas horas, três horas a fio, lentamente foi-se com unindo a chama o petróleo do candeeiro, que em casa do operário as coisas são compradas por medida. Um a um, também os companheiros foram saindo, mas agora em todos eles bem mais viva que a chama da torcida brilhava a chama da esperança.

INFORMAÇÕES DAS EMPRESAS

VIVA O 5 DE OUTUBRO

PORTO: — Na empresa Avis, 40 operários da secção de estatuária, num belo exemplo de unidade e camaradagem, conseguiram pela sua acção que as multas impostas pelo patrão ficassem sem efeito. Apesar de ser costume nesta empresa, como em muitas outras, o patrão impôr pesadas multas a protesto do mais pequeno defeito na obra para o qual, regra geral, por mais atenção que tenhamos não podemos evitar em face da exigência desmedida do aumento da produção, os têxteis da referida secção, uniram-se e acabaram por conseguir que a multa aplicada naquela semana ficasse sem efeito e a fôrta fosse paga por inteiro.

LIONESA — Porque os operários são para muitos patrões apenas aquilo que a sociedade conseguiu abolir há mais duma centena de anos — os escravos — na Lionesa aplicam multas aos operários até como fonte de receita para si. Assim, porque em tempo existisse, segundo toda a gente fala, um desfaleço no escritório desta empresa, os gerentes taparam a coisa e desde logo trataram de recompor os fundos « desviados » através de descontos e multas continuas sem qualquer justificação aceitável. E o caso, entre outros, das descadeiras que, em regime de tarefa, são descontadas em 2 metros na obra boa e 3 na mais fraca.

Tendo a represália do despedimento, na operária da Lionesa mantêm-se divididas e não foram capazes de organizar uma acção capaz de sustentar tais reboux.

Companheiras da Lionesa! O exemplo dos companheiros da Avis indicava-vos como deveis actuar. Se organizardes a vossa unidade e fordes firmemente à gerência, sereis capazes impedir os roubos das multas e de pôr de lado a possibilidade do patrão poder exercer represálias.

Se mais não houverdes, bastaria o facto de nas multas sobre os defeitos na obra o pano ser pago por nós mas sem que vejamos mais o sinal do nosso dinheiro — o do pago, para provar que este abuso, cometido pelos patrões a coberto do C.C.T., tem como fim aumentar a sua exploração.

BRAGA — Na empresa do Ferreira da Costa o patrão como não tivesse que dar a fazer a um grande número de operários e como por lei era obrigado a pagar-lhes três dias por

semana fez anunciar um castigo de 45 dias de suspensão à maioria do pessoal a pretexto de negligência no trabalho.

PEVIDÉM — Na sociedade têxtil António Jesé Lopes Correia os operários são castigados por tudo e por nada. Daqui resulta que a gerência por isso não dá férias no pessoal. No mês de Agosto deste ano, quer na tzelagem como na fição, não havia operários que não tivessem sido castigados de tal modo que respondendo ao clima de desgastado criado por esse facto, a gerência resolveu dar férias aos operários que tivessem castigos inferiores a dois dias. Também nesta empresa e por qualquer motivo, ainda que futil os operários são despedidos e aconteceu que quando uma comissão de operários resolveu abordar a gerência a fim de pedir aumento de salários não foi atendida sendo até posteriormente ameaçada de despedimento.

GUMARAIS — FABRICA DO XAFARICA : — Recentemente o mostra desta fábrica, que é uma borraçõa, costumava ir para a empresa bebado. Por isso e por qualquer motivo se infrometia com o pessoal. Aconteceu que tendo repreendido uma operária injustamente e por esta lhe retorquir: — «o senhor não está bom», a despediu. A flagrância desta injustiça era tal que a própria fiscalização a quem a operária se foi queixar não pôde deixar de assumir a defesa da operária até à sua reintegração na empresa.

FABRICA DO CAVALINHO — A exploração está de tal modo enraizada na entidade patronal que chega a demonstrar uma completa ausência de compreensão pelos problemas dos seus operários. Nesta empresa, recentemente e durante as festas gualterianas, a pesar da empresa estar a três dias por semana o patrão obrigou o pessoal a trabalhar no sábado e segunda-feira das festas quando todos os operários duma maneira geral preferiam trabalhar em outros dias já que a maneira como a empresa está a laborar tal permitia. Por outro lado nesta empresa existe um fiscal que de acordo com o patrão tira às mulheres dois metros em cada peça de pano, também semanalmente os operários reclamam que não lhes é paga integralmente a quantidade de obra produzida. Este senhor fiscal comenta: — « É assim, senão rua ».

Na passagem do 49 aniversário da histórica data nacional que foi a Revolução de 1910, o « Têxtil », como orgão livre e de unidade da classe, não podia ficar indiferente.

Hoje, ao vivermos sob um Governo chefiado por um tirano que nos tirou as principais regalias então conquistadas, que conduz a Nação para aventura belicista e entrega as riquezas do país às aves de rapina que são os imperialistas americanos e ingleses, atinge um alto significado político a comemoração desta data, cuja acção decorre sob o signo da DEMISSÃO DE SALAZAR.

Convencidos que também os têxteis não deixarão de dar a sua valiosa colaboração nas comemorações desta data querida, aconselhamos que: em todas as terras, além da ida aos cemitérios em romagem à cunpa dos republicanos, de jantares de confraternização e da saída de filarmónicas a percorrer as ruas, se lancem foguetes, se façam inscrições nas paredes e se assinem em massa o apelo a exigir que Salazar se demita. Queremos a demissão de Salazar. Viva o 5 de Outubro.

(CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁG.ª)

« Têxtil » angariará uma larga recolha de fundos junto dos seus companheiros, enviando seguidamente as listas à Redacção.

Dar o « Têxtil » a ler e pedir em seguida aos companheiros que mencionem na lista a sua oferta, é, pois, o apelo que o « Têxtil » lança neste momento, confiante que mais uma vez é compreendido pela classe. Segue a publicação de algumas rubricas recebidas ultimamente:

Dois têxteis	2300
Os que lutam pela liberdade	21800
Para o « Têxtil »	5800
Para o grupo do fascismo	30500
Têxtil, Letra A	7350
Têxtil (C)	22350
Têxtil, Letra E	10300
Têxtil (T)	30300
Texteis Vermelhos	32350
Texteis Vermelhos	5800
Um amigo do « Têxtil »	350
Um grupo de operários	7850
Um grupo de operários liberais 22300	
Um textil de Pevidém	1800
Viva U. J.	1400
TOTAL	197350

A CLASSE TÊXTIL e a demissão de Salazar

Cada vez se enraiza mais no nosso povo um sentimento contra o regime e fundamentalmente contra seu chefe — Salazar. Durante a recente viagem de A. Tomás ao Norte esse sentimento popular veio nitidamente à superfície apondo das manifestações organizadas pelos fascistas àquela representante do regime. Por toda a parte, como eles próprios foram obrigados a reconhecer em público, o povo manifestou das mais variadas formas a sua hostilidade ao Governo. O regime, ao tomar plena consciência do facto, protesta, diz que são apenas os « agitadores profissionais » que lançam a confusão e que tentam « desacreditar a Pátria no estrangeiro ».

A demissão de Salazar, principal responsável por uma política ruinosa e obscurantista surge pois como uma necessidade sentida pelo povo. Particularmente, também a classe têxtil sente essa necessidade. Para nós, Salazar é o inimigo número 1, o principal culpado pelo nível de vida de miséria, pela exploração brutal no trabalho, aquele que impede o aumento de salários e que nos roubou as liberdades sindicais.

Porém, Salazar, que no longo de 33 anos nunca manifestou um mínimo de respeito pelos interesses fundamentais do Povo, não vai agora sair do poder em que avidamente se agarra, só porque a Nação deseja que se demita. Ele sabe do descontentamento popular e quanto é odiado e sentiu como durante a última campanha eleitoral o povo elogou Presidente da República o Sr. Gen. H. Delgado mas que nem por isso teve pejo em o defraudar escandalosamente. A demissão de Salazar terá de ser, pois, a consequência dum luta clara e ampla por parte da Nação e particularmente da classe operária, reivindicando a satisfação dos direitos económicos e políticos que o regimen lhe nega.

A classe têxtil, compete colaborar dum forma activa nessa luta que empurrará Salazar. Para que o possamos fazer da forma mais ampla e combativa, torna-se imperioso esclarecer alguns companheiros cujas ideias confundem ao derrotismo e à inacção.

Há companheiros a quem é frequente ouvir-se dizer a modos de desabafo

— « isto só vai a tiro ». Esta ideia, embora reflectindo um fundo descontentamento, serve também os interesses de conservação do regime no que ela representa como negação de outros tipos de luta. Os nossos companheiros que assim pensam nós devemos mostrar que isto pode ir sem ser a tiro e perguntarmos se: não é verdade que os pescadores acabaram de obter uma grande vitória sem terem necessidade de matar os armadores ou o capitão do porto? As ideias de que « isto só vai a tiro » apesar de representar o ódio ao salazarismo e o desejo de se ver no País um Governo do Povo, cava o derrotismo e vira as costas a tipos de luta como a recolha de assinaturas, distribuição de manifestos, tarjetas e feitura de legendas a exigir que Salazar se demita, afim de se criarem condições para a Jornada Nacional pela DEMISSÃO, que poderá concretizar-se numa greve geral.

A luta reivindicativa da classe têxtil, também ela abalará profundamente os alicerces do regimen. Porquê? A política de Salazar em relação à nossa classe é uma política virada para os interesses dos grandes industriais. Ora se pela acção da classe o Governo for obrigado a descer ao campo dos nossos interesses, só o poderá fazer em desfavor do equilíbrio da sua politica. Será assim que Salazar, assediado de todos os lados pela acção forte, unida e decidida do operariado nacional será obrigado a ceder, não prante um desejo mas pela nossa acção que, unida, não encontrará outra que a consiga deter.

E porque é a classe operária aquela que vive mais oprimida e a que sente mais necessidade de se libertar, que o « TÊXTIL », como portavoz da unidade da classe, apela para que todos os têxteis se lancem cada vez mais decididos na luta. Será na medida em que cada um dos companheiros mais activos organize pequenos Grupos de Libertação nas fabricas e localidades e assentem actuar das mais variadas formas, desde as acções reivindicativas à feitura de legendas nas paredes e distribuição de manifestos e outras iniciativas, que a grande Jornada Nacional pela demissão de Salazar se concretizará.

QUANDO HA UNIDADE

Já não constitui surpresa para ninguém o dizer-se que o regime de Salazar favorece unicamente as entidades exploradoras.

É já longa a lista das vítimas que têm sofrido física e moralmente as anomalias dum regime presidido por um sádico que persegue implacavelmente o Povo e tudo faz para o manter na miséria e no sofrimento.

Governo de feição puramente capitalista, permite aos exploradores todos os atropelos e barbaridades.

Para já, fomos a firma MOURA & BAPTISTA, de tecidos em Tortozendo, cujo dirigente tem cometido uma infinidade de injustiças que merecem a repulsa de todo o homem consciente.

Nestes últimos dias mais três vítimas atiram para o desemprego e consequente miséria. Dois deles foram despedidos sem haver a minima razão para tal severidade. Simples encricho de homem vingador que se desforra desmanchando de todo aquele que não se submete aos seus torvos desígnios.

O terceiro, pelas funções que desempenhava, tinha direito a 29500 diários e só recebeu 26500.

Apresentara quizas no delegado do I.N.T. e este senhor, naturalmente aborrecido por ter de chamar a atenção dum firma tão poderosa como a MOURA & BAPTISTA, para o cumprimento do tão desnudado Contrato C.T., prometeu-lhe, no entanto, que tudo iria fazer para que recebesse a indemnização dizendo que não tivesse receios porque não sofreria quaisquer represálias.

Com efeito esse camarado recebeu a indemnização, mas quanto a represálias... Sim, quanto a represálias foi o de passado pouco tempo receber a notícia de que estava despedido!

Oh, os fascistas é que não são para represálias!!

Felizmente que os operários tortozendenses sabem usar-se e reivindicar os direitos que lhes roubam, pelo que resolveram ir em massa ao Sindicato apresentar o seu protesto contra tal injustiça, estando resolvidos a processar esse e arogar a discutir o seu dilema num tribunal, se tratando os operários não foram readmitidos!

Belo exemplo de solidariedade de parte dos nossos companheiros de Tortozendo!

Sabemos então, em casos análogos, para que os fascistas começam a compreender de que o Povo já não aceita a canção e a vida que está próximo o dia em que têm de responder pela miséria que lhe tem feito passar durante 33 anos.

a) Um têxtil serrano

Auxílio Ao 'Téxtil'

Lista n.º

Rubricas

Importâncias